

Companheiro de Caminho: Castro Soromenho

António Faria*

“Dá cá um cigarro!”, disse ele em voz baixa. Estávamos sentados na cama de Emanuel, sobrinho do embaixador, que servia de sofá durante o dia. Estendi-lhe o pacote de “gauloises” e, com duas pançadas secas com os dedos, a ponta do cigarro elevou-se no quadrado de prata rasgada. Ele estendeu a mão muito branca, tirou o cigarro que enfiou logo nos lábios finos e apontou o queixo ossudo para mim. Acendi-lhe o cigarro. Ele aspirou o fumo com prazer, olhou a ponta incandescente e deixou sair uma baforada longa e lenta, como no tempo em que fumava da mutopa.

O grito veio da porta da sala: «Estás a envenenar o velho?!» - era a voz do embaixador. Ao grito, Mercedes, Manuela, Alfredo, Artur, Morais, olharam para mim. O “velho” mirrado chupava o cigarro, indiferente à conversa, com um sorriso divertido, olhos piscos atrás das lentes grossas que lhe escondiam o rosto esguio. “Saiu agora do

hospital, está proibido de fumar, seu garoto!”. É um pouco tarde para iludir o vocabulário. O embaixador desesperado era Câmara Pires, inesquecível revolucionário português, filho e neto de angolanos, natural de Luanda, cabelo branco, inconfundível elegância, que falava com enlevo e elevação da revolução republicana de Lisboa em que participara na juventude, da luta contra os monárquicos ressentidos agrupados por Paiva Couceiro e era um assumido embaixador dos movimentos de libertação em Paris com o apoio de Paulo Jorge Teixeira, activista da Casa dos Estudantes do Império.

O envenenador era eu e o fumador era Castro Soromenho.

Na cidade onde medrei - para usar uma expressão dele - havia uma rua com o nome de Artur Ernesto de Castro Soromenho, antigo governador do Congo, Huíla, Bié, Moxico, Lunda. Mas é também a segunda assinatura, depois da de Norton de Matos, entre uma trin-

tena de maçons, na acta da fundação da cidade de Huambo, depois Nova Lisboa. Quando tentei ligar os dois nomes e inquirei pela relação entre eles, houve alguém que os desligasse logo. Deixou de haver relação. No entanto o escritor Castro Soromenho era filho desse governador Castro Soromenho que tinha ido para Moçambique aos dezoito anos (amargurado porque a família se recusou a que frequentasse o curso de Direito), que passou a Angola num tempo em que uns quantos enriqueceram tanto e voltou para Portugal onde morreu na miséria. Fernando Mourão revela que a obra *Aventura e Morte no Sertão* foi escrita a pedido do editor para pagar as despesas feitas com a doença e o funeral do pai do escritor.

Castro Soromenho, o fumador a quem eu dei um cigarro, tinha cinquenta e quatro anos e andava a tirar um curso de sociologia na Sorbonne com Georges Balandier. Até ao fim da vida, que ocorreu quatro anos depois, escreveria ainda um romance imerecido, *A Chaga*, publicado postumamente.

Castro Soromenho nasceu em Moçambique em 1910, fez a instrução primária e a secundária em Portugal, aos quinze anos foi para Angola onde frequentou o Curso da Escola Superior Artur de Paiva, onde teve como professor Gastão de Sousa Dias, autor imprescindível no conhecimento da história colonial.

Aos dezassete anos, Castro Soromenho arranhou emprego na Diamang (Companhia dos Diamantes de Angola) como angariador de mão de obra e, quando atingiu a



Peinture de Sonia Prieto

maioridade, tornou-se funcionário da administração colonial. Condenado a tal futuro - como branco administrativo seria Joaquim Américo (*Terra Morta*) ou António Alves (*Viragem*), um usurpador obstinado, um falhado, um carcereiro entre degradados - começou a escrever o que ouviu ou viu nas suas deambulações, histórias e história da Terra Negra.

Ao contrário do que acontecia com a maior parte dos colonos, Castro Soromenho lia, estudava. Afinal as suas raízes não estavam no passado mas na meta que procurava alcançar. Nada tinha a ver com a dimensão católica da política colonial incentivada pelo fracasso das missões laicas civilizadoras que M. Borges Grainha impulsionou no tempo da República. A ignorância era inquietante.

Saiu de Angola ao fim de dez anos de permanência consecutiva e nunca mais voltou. Ao chegar a Lisboa em 1937, Castro Soromenho já tinha feito jornalismo em Luanda e publicado o seu opúsculo de lendas africanas. Em Lisboa, o Estado Novo incentivava a Legião Portuguesa, criada no ano anterior, com vertentes pro-militares e a sua rede especial de informadores políticos para controle das actividades cívicas.

Ainda em 1937 Castro Soromenho foi como correspondente do semanário *Humanidade* para o Rio de Janeiro, donde regressou no ano seguinte como jornalista profissional. Nos círculos jornalísticos e literários da capital portuguesa encontrou como companheiros, quase todos mais velhos e desenraizados, agrupados em torno de um ideário anarco-sindicalista, Ferreira de Castro, Julião Quintinha, que publicou *Africa Misteriosa* e uma biografia de Mouzinho de Albuquerque.

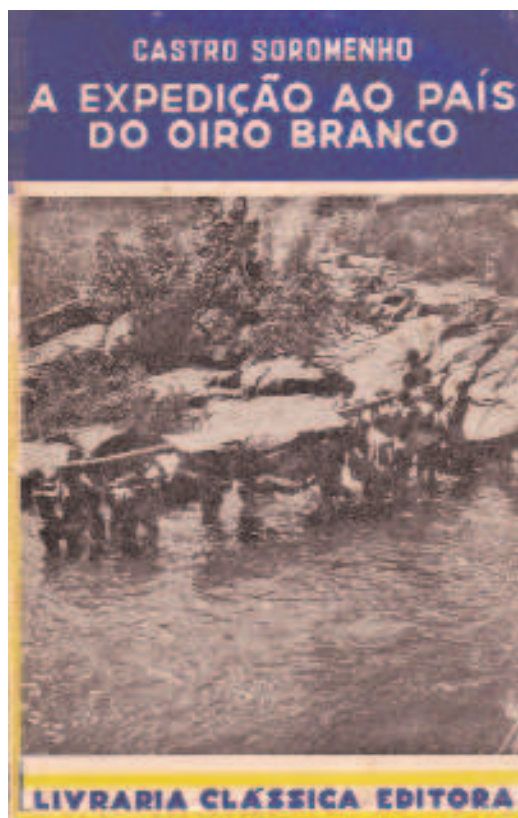
Porque a República só existiu por assegurar o lugar político de Portugal face às colónias africanas e o Estado Novo instaurou a ideia de império colonial depois de o rei de Itália se tornar imperador da Etiópia (1936), com Benito Mussolini a assumir a pasta de Ministro de África, o meio literário português não era indiferente aos problemas

coloniais. Havia escritores que enfrentavam a ignorância, a iliteracia, o fracasso inevitável, escrevendo romances com temas coloniais. Houve, pode dizer-se, uma tentativa para criar uma tradição literária nesse campo.

Eram romances que resultavam de uma vivência circunstancial, o que não aconteceu com Castro Soromenho. Ele tinha a sua experiência de administrativo mas tinha também e sobretudo a experiência dramática do pai, íntima, comprometida, muito mais elevada, forte e determinante, de alto funcionário que o Estado Novo destruiu.

A partir de 1939 começou a colaborar com *O Mundo Português*, *Revista de Cultura e Propaganda*, *de Arte e Literatura Coloniais*, lançada em 26 de Janeiro de 1934 pelo Secretariado de Propaganda Nacional e pela Agência Geral das Colónias. Os objectivos pedagógicos das publicações do Estado Novo implicavam a tradução dos artigos em francês e inglês para difusão no estrangeiro.

Durante a Guerra Civil de Espanha, durante a 2ª Guerra Mundial, viveram-se em Portugal situações muito controversas. Por pudor é preferível ter em atenção uma descrição de Lisboa feita por Antoine de Saint Exupéry, que assistiu a uma das maiores operações de propaganda organizadas pelo Estado Novo em Lisboa, junto ao rio Tejo, a Exposição do Mundo Português: “Sentia pesar sobre Lisboa a noite da Europa habitada por grupos errantes de bombardeiros, como se de longe tivessem farejado este tesouro. Mas Portugal ignorava o apetite do monstro. Recusava acreditar nos maus sinais. Ousariam esmagá-lo por causa do culto da arte? Portugal tinha exposto todas as suas maravilhas. Ousariam esmagá-lo por causa das suas maravilhas? Portugal mostrava os seus grandes homens. Em vez de um exército, em vez de canhões, contra



a ferocidade do invasor tinha erguido todas as sentinelas de pedra: poetas, viajantes, conquistadores. Em vez de exércitos e de canhões todo o passado de Portugal barrava o caminho. Ousariam esmagá-lo por causa da herança de um passado grandioso?”

A Agência Geral das Colónias premiou sucessivamente *Nhari* (1939), *Homens sem Caminho* (1942), *Rajada* (1943). Isso não evitou a que a sua perspectiva política fosse amadurecendo no sentido inverso da propaganda e dos interesses do Estado Novo, que santificava como raízes da identidade nacional a talassocracia de pé descalço designada Império Colonial Português.

A amizade com escritores do grupo da revista *Presença*, entre os quais Adolfo Casais Monteiro, a quem dedicará *Terra Morta*, foi importante para um autodidata, embora austero e sedento de apuro formal.

Castro Soromenho não era um homem de sociedade, nem lhe agradavam os grupos literários, como ressalta da sequência da sua obra, com um percurso único na literatura portuguesa. Pouco ou nada tem a ver com o ideário republicano,



Peinture de Sonia Prieto

entre a saudade e o fracasso de uma revolução inconsequente. A experiência e a idade afastaram-no da irritante ignorância dos filhos-família e pedantes, literatos e artistas plásticos mais voltados para o que ouviam dizer em França. Castro Soromenho não conhecia Paris e vivia em Lisboa com o sentido em África, a extensão da Europa ignorada.

Tinha todas as razões para ser um homem doente. Quis ser jornalista por amor à verdade íntima e acabava por escrever fantasias fundadas nas lendas que ouvira desde criança. Eram muitas frustrações acumuladas. A necessidade de escrever iluminou-lhe o itinerário.

Em 1960, numa entrevista publicada por Fernando Mourão em Lisboa, Castro Soromenho disse que não andou na Lunda a recolher material. Mas vinte anos antes dedicou *Os Mistérios da Terra* aos seus companheiros de posto no Cuango que o acompanharam nessas pesquisas sobre ritos iniciáticos da Lunda.

Ouvi-o discutir amigavelmente em Paris com Alfredo Margarido sobre questões etnográficas e históricas, que ele escrevera em artigos

dispersos sobre os viajantes portugueses do século XVIII e XIX, sobretudo Gamito, Henrique de Carvalho, que chegaram à mussunda do Muatiânvua, no coração de África.

Além dos contos e romances deu a sua própria versão dos relatos dos viajantes e aspectos etnográficos. A sua grande obra na ficção é *Viragem*, da qual existe tradução francesa; constitui um apuramento de *Terra Morta*, sem os pormenores descritivos, de rara visualidade, síntese e beleza. É aqui que as disputas internas no universo civilizado dos brancos não passa dum atracção sexual entre um administrativo e uma mulher branca inadapta, ex-corista em Lisboa, casada com o chefe de posto ausente por doença, necessária à consumação do poder como usurpação dum espaço físico, solitário, brutal, nauseante.

Também as disputas no mundo dos colonizados não passam do interesse pelas galinhas, pela mulher, pelo lugar do vizinho. A usurpação, o sentido bíblico do ciúme do rei David pelo general hitita Uria, por causa de Betsabé, é posta ao nível

da exacta degradação trágica e da mediocridade, nunca antes conseguida pelo escritor.

Como nenhum outro escritor português, Castro Soromenho pressentiu o fim histórico ou o abandono cobarde dos homens de armas, num tempo em que ainda eram heróis com direito a estátua, a insegurança e o medo perante uma realidade tão vivida como ignorada. *Viragem* contém o testemunho desse modo de estar noutra mundo.

O colonialismo português era medíocre como a luta que suscitara para o derrubar era falha de força própria. Sobrevivia dos apoios que podia obter em função de proximidades políticas e culturais

estranhas. Foi erigida à imagem e semelhança do poder colonizador. Essa força imitativa dos colonizados, com os seus estreitos horizontes, já estava nos romances dele, por mais que o próprio autor se recusasse a admitir.

Castro Soromenho era branco ou, como então se denominavam os argelinos brancos em França, com o inevitável galicismo, um “pied-noir”. Nada nem ninguém lhe dava o direito ao desejo de procurar um espaço geográfico que só terá existido na infância, onde voltou uma vez para despertar e sair para cumprir o seu destino, tal como nos seus romances.

Manuel Lima, que se afastou cedo da luta armada (foi o primeiro comandante em chefe das forças armadas de libertação nacional) para enveredar pela vida académica, disse-o na sua tese de doutoramento, em Lausanne, vinte anos depois, quando lembrou “o sofrimento moral do autor de *Viragem* não foi menor por escrever numa língua de valor internacional muito restrito, sofrendo por isso de isolamento mau grado os esforços da

editora Gallimard que tentou revelá-lo ao público francês”, porque a sua escrita mobilizava os espíritos em torno dos ideais libertários. Mas como Castro Soromenho era “pied-noir”, era português e o nome de Portugal evocava-lhes a imagem de um país colonialista, fascista e ditatorial, mantinham-no de lado. A má consciência dos franceses face às suas colónias acentuava o apoio a essa “negritude” fictícia.

O estudo de Roger Bastide *L'Afrique dans l'oeuvre de Castro Soromenho* terá valido de alguma coisa pela sua excepcionalidade apenas em meios restritos. Para ser africano era preciso ser negro. Entre um branco revolucionário e um negro ou mulato pedante, o «milieu» francês não hesitava.

A enfadonha ostentação em torno da “negritude” não impediu totalmente que a obra do escritor branco fosse apresentada. O gelo anti-racista derreteu com a tradução de *Terra Morta (Camaxilo)*, na edição de Présence Africaine, com prefácio de Roger Bastide), mas foi marcante a “decepção” pela branquidão epidérmica do seu autor.

E foi nessas circunstâncias que Castro Soromenho participou no 1º Congresso Internacional dos Escritores e Artistas Negros. Castro Soromenho compreendeu as razões dos outros e superou essas e outras decepções, terá visto nisso a reacção natural da afirmação de culturas nacionalistas, de auto-estima e amor-próprio.

A situação repetiu-se em 1962, numa outra manifestação cultural do mundo africano, ao qual o romancista aderiu, o Congresso dos Escritores Afro-Asiáticos, que se realizou no Cairo, na África onde nasceu a civilização branca.

Ele foi, segundo Manuel Lima, “imperdoavelmente, o grande esquecido”.

Castro Soromenho não deixou de considerar também o que lhe fizeram então como uma injustiça e o quanto isso o magoou. Mas a sua obra literária, com uma exactidão surpreendente, estava feita e publicada. Só a exactidão, na arte, na literatura, na ciência, na política, no pensar, é revolucionária. Ele tinha chegado lá antes de ter atingido os cinquenta

anos. Os que o rodeavam provavelmente nunca teriam interesse em lá chegar, como ficaria demonstrado mais tarde.

O escritor perseguido no seu país, a vegetar no exílio, ignorado e evitado por indivíduos sinuosos que afinal pouco mais tinham do que a obra dele como apoio de uma cultura nacional, não lhe restavam muitas alternativas.

Castro Soromenho, além de romancista, foi um estudioso da história de Angola, de que resultou um conjunto de trabalhos publicados esparsamente. Nela se documentou para cimentar as ideias que estão na base da sua construção romanesca.

Sentados naquela cama, na casa super-aquecida do embaixador Câmara Pires, na rua Hippolyte Maindron, disse-lhe uma tarde que queria realizar um filme a partir do seu romance *Viragem*, a sua melhor obra, mas só o podia realizar quando eu tivesse quarenta anos. Ele fitou o gaiato perante essa mirabolante explicação, assim tão prontamente calendarizada. De facto!

“É um romance de grande maturidade. Quero ter maturidade para o poder realizar”, expliquei eu com a maior convicção. Castro Soromenho escondeu o riso, passou a mão condescendente pela rala cabeleira branca e assentiu enfim com um monossílabo.

Estava na Huíla quando soube que Castro Soromenho morreu no Brasil em 18 de Junho de 1968. Vinha numa notícia minúscula num jornal de Luanda. Nesse tempo já havia voo diário para o Lubango. O campo de aviação já não era na Mapunda mas na Mucanca, além da Machiqueira, o bairro fundado cem anos antes pelos camponeses pobres da Madeira em homenagem ao Machico. As notícias chegavam devagar, mesmo as más.

Fiquei a olhar durante uns instantes a “ponta da serra” que resguarda a cidade onde os “chicorinhos” haviam plantado uma imitação do Corcovado, do Rio de Janeiro, uma figura de braços abertos em cimento e fui sentar-me num banco do jardim sem memória de nada.

Quando voltei para casa, em frente do Liceu Diogo Cão, folheei os seus livros, que sempre me acompanharam e comecei a escrever com os olhos secos um estudo sobre essa leitura. Essa reflexão, recusada depois pelos editores, intitulava-se *Gente do Fim do Mundo. Em Torno de Viragem*, apenas anunciava o fim, apesar do aumento extraordinário da população branca. Pouco depois fui para Portugal, situação que se tornou definitiva. O que era preciso dizer estava dito e escrito por Castro Soromenho.

A história passou ao lado de tudo isso, ainda à espera que os portugueses recuperem o seu próprio tempo.

Em 1971 realizei um filme possível, uma curta metragem, com a Maria Elisa Domingues e o Almerindo Jamba, *Omala Vangalange* (O descendente de Galangue), uma lenda do Planalto que Castro Soromenho lembra na *Maravilhosa Viagem* e que também é referida pelo padre Ernesto Lecomte, entre outros.

Pouco antes de fazer quarenta anos procurei incessantemente o contacto dos filhos que viviam no Brasil. Expliquei a situação e passados uns quatro ou cinco anos, em 1986, recebi a carta esperada, com uma explicação sensibilizada pela demora. A autorização assinada pelos descendentes de Castro Soromenho (deixara três filhos menores: Fernando Valdemar, Stella Susana e Jorge Eduardo) que tinham conseguido juntar-se com grande dificuldade para assinar a declaração.

Eu estava a rodar o filme *Os Flagelados do Vento Leste* nas montanhas de Cabo Verde. Santo Antão é uma ilha feita de referências históricas que vêm do tempo de Tordesilhas, memórias dolorosas e carinho acumulado sob a forma de montanhas de profunda e espantosa serenidade. Também ali estivera Agostinho Neto preso político, com residência fixa (hoje diz-se prisão domiciliária). Saí desesperado pelos caminhos que vão para além da estrada empedrada que ia de Porto Novo, com a carta na mão e os olhos presos naquela corrente

de mar azul cantado em todas as mornas e catapultou a história marinha de Portugal para o Brasil e para o Mundo, sem pensar em nada.

O filme *Viragem* não foi feito. Como explicar isso sem revelar um Portugal absurdo onde a “cultura portuguesa” é administrativamente mais controlada que no tempo do Estado Novo? Adapte também o diário do viajante, que ele adaptou ao escrever a *Expedição ao País do Oiro Branco*, para fazer em Moçambique. Inutilmente. A esperança não é a última coisa a morrer.

O romance *Viragem* tinha sido anunciado com outro título: *Desterrados*. Mas esse era o nome da espantosa escultura descoberta no interior do mármore por Soares dos Reis, um jovem suicida do Porto. A proximidade entre o escultor e o escritor, no ponto que dá sentido à revolta gerada no exílio íntimo, é extraordinária.

Numa carta a Manuel Lima, publicada por este, datada do Havre, 16 de Junho de 1965, quando estava de partida para a América do Sul, escreveu:

“a vida de exilado, paredes meias com a miséria, não me desmoralizam, nada de horizontes negros, mas deu-me uma lucidez por vezes tão fria que me faz mal aos nervos... Por tudo e por nada a análise impõe-se-me. Os homens e a vida reduzidos aos seus verdadeiros limites, eis o que me dá este estado de lucidez. Um homem só face aos homens e à vida. Ela mesmo a ver-se por dentro até às profundidades do seu ser... E ver o que a vida faz dos homens. Assim compreendo-os melhor, mais do que nunca, sou seu companheiro”.

Castro Soromenho voltava ao Brasil, como queria «voltar», século e meio atrás, o Abade Correia da Serra, que nunca lá esteve. Para os portugueses o Brasil foi, durante cinco séculos, a rota da Índia ou o caminho dos homens sem caminho.

Anos depois, os jornais publicitaram que os militares portugueses tinham posto fim à guerra colonial,

acabado com a censura e implantado uma democracia em Lisboa. Que interessava tudo isso aos sempre alheios proto-revolucionários, revirahistas, oposicionistas e aos seus inevitáveis descendentes que ocupam as estruturas administrativas e financeiras onde tudo emperra?

Tentei alguém que quisesse avançar nesse projecto, na África do Sul, ainda no tempo do apartheid, no Congo, quando falei no assunto ao embaixador Álvaro Guerra e até, em certo ponto,



Castro Soromenho

Angola - onde era mais preocupante a guerra civil do que tudo o resto, incluindo as “amizades” oportunas, o que impôs a lei do silêncio.

Quero um dia poder cumprir essa homenagem ao trabalho do escritor, mesmo com tanto atraso. Castro Soromenho elevou a situação colonial - a característica mediocridade e arbitrariedade de comportamentos, disfarçados de prudência ou dissimulação hierarquizada, que passou despercebida ou foi omitida pelos que a viveram - ao nível do grande romance universal, como soube reconhecer Roger Bastide.

Estando os portugueses desinteressados (ou receosos ou alheios) da colonização e da descolonização graças à publicação de grandes relambórios literários por historiadores e cronistas catadores de pormenores de secretaria, como convencer alguém que um escritor, esmagado na literatura portuguesa, foi o único a manter acesa a chama

da dignidade daquela vertente da história portuguesa quando isso era impossível?

Carlos Ervedosa, que era um angolano branco, activista da Casa dos Estudantes do Império, arqueólogo, ensaísta e memorialista, ferido por ter visto fugir aqueles que designou por sua “tribo” e morreu de amargura na terra do tetravô, em Sabrosa (Vila Real de Trás os Montes), escreveu que Castro Soromenho lhe terá dito que se considerava um “escritor angolano”.

Manuel Lima, que é um académico português, negro também nascido em Angola, embora mordaz quanto aos escritores mulatos que ele próprio designa, reavivando a linguagem colonial, por “indígenas”, por se terem curvado para servir abertamente o Estado Novo, Mário António Fernandes de Oliveira e Geraldo Bessa Victor (o primeiro era um académico e o segundo um reputado advogado), ambos enterrados em cemitérios de Lisboa, é muito claro quanto à posição de Castro Soromenho, com quem conviveu nos anos

magros de Paris e a quem atribui peremptoriamente uma intenção categórica: «não tendo nunca renunciado à sua condição de escritor português».

Escrever duas linhas sobre Castro Soromenho é um acto muito redutor. Ele sozinho representa uma luta no âmbito da cultura anfibológica onde, apesar disso, se dignifica a relação entre os povos. A única palavra que traduz o equilíbrio possível (estético e político) por ele alcançado na sua obra tem um nome: Fraternidade.

Numa entrevista que concedeu a Fernando Mourão, publicada na revista *Cultura*, em Lisboa, em 1960, antes de partir definitivamente de Portugal, Castro Soromenho dá-lhe os traços essenciais da sua biografia e de um projecto já cumprido: “Africano nascido em Moçambique mas medrado em Angola desde mal saído do berço, a Angola devo a minha vida de

escritor. Quando em 1937 abandonei Angola, estava longe de vir a ser um escritor. Interessado no jornalismo, profissão que exerci largos anos, dele me ocupei. Foi aqui em Portugal que nasceu o escritor, depois de reviver a minha vida em Angola, fazendo tábua rasa de ideias feitas e dando-me conta de erros de interpretação originados pelo clima social vivido desde a infância numa sociedade em formação, heterogênea pela sua própria natureza, sem outras raízes que não fossem os seus interesses circunstanciais, e sempre marginal (...) E nunca mais deixei de estar em Angola, embora habitando em Lisboa ou no Rio de Janeiro, em Paris ou em Buenos Aires. Debruçado sobre a minha vida africana, servindo-me da minha profunda experiência e da experiência dos homens que me levaram a meditar sobre a sua vida e no seu destino, procurei estudá-los, situando-os na sua idade histórica, no condicionamento do seu campo económico-social e nos planos das suas relações humanas. O homem em face do destino e nos limites da sua condição humana”

* * *

Da bio-bibliografia estabelecida por Fernando Mourão, excluindo traduções e as várias re-edições dos trabalhos principais, retenham-se de Castro Soromenho as seguintes obras: *Lendas Negras*, Lisboa, Editorial Cosmos (Cadernos Coloniais), 1936. Nhari, Porto, Civilização, 1938. “Calunga, o Mar”, *O Mundo Português, Revista de Cultura e Propaganda, de Arte e Literatura Coloniais*, nº 6 pp. 245-250, Lisboa, 1939. “De um diário colonial: o direito de posse”, *ibidem*, Lisboa, 1939, pp. 379-383. *Imagens da Cidade de São Paulo de Luanda*, Lisboa, Cosmos (Cadernos Coloniais), 1939. *Noite de Angústia*, Porto, Civilização, 1939. “A Lunda Negra: queda do sobado de Caungula”, *O Mundo Português*, Lisboa, 1940. “Mucanda”, *ibidem*, 1941. “Musica Negra: instrumentos de música africana”, *ibidem*, 1940. “Apontamentos etnográficos: lundas, sua vida”, *ibidem*, 1941. *Homens sem Caminho*, Lisboa, Portugalíia, 1941. “Apontamentos

etnográficos: o significado dos penteados africanos”, *O Mundo Português*, Lisboa, 1942. “Origem das tribos lunda e quioca”, *ibidem*, 1942. “Silva Porto”, *ibidem*, 1942. “Singularidades do mundo africano”, *A Esfera*, Lisboa, Junho 1942. “A árvore sagrada”, *Atlântico*, Lisboa, 1943. *Aventura e Morte no Sertão: Silva Porto e a Viagem de Angola a Moçambique*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: Lacerda e Almeida, explorador do Cazembe”, *O Mundo Português*, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: Silva Porto, descobridor do Zambeze”, *ibidem*, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: Henrique de Carvalho, historiador do povo lunda”, *ibidem*, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: o major Gamito na África Austral”, *ibidem*, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: o explorador Serpa Pinto”, *ibidem*, 1943. “A literatura dos exploradores portugueses: Capelo e Ivens e a viagem à contracosta”, *ibidem*, 1943. *Rajada e Outras Histórias*, Lisboa, Portugalíia, 1943. *Sertanejos de Angola*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1943. *A Expedição ao País do Oiro Branco*, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1944. “A lenda do lago carumbo”, José Osório de Oliveira, Lisboa, A.G.U., 1944. *Mistérios da Terra*, Porto, Editora Educação Nacional, 1944. *Calenga*, contos, Lisboa, Inquérito, 1945. *A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses*, ilustr. Júlio Pomar, Lisboa, Editorial Terra, 1946. *A Maravilhosa Viagem dos Exploradores Portugueses*, Lisboa, Arcádia, 1961. “Wenceslau de Moraes”, João Gaspar Simões, *Perspectivas da Literatura Portuguesa do Século XIX*, Lisboa, Atica, 1948. *Terra Morta*, Rio de Janeiro, Casa dos Estudantes do Brasil, 1949. *Samba. A voz da Estepe*, Lisboa, Fomento de Publicações, 1956. *Viragem*, Lisboa, Ulisseia, 1957. *Histórias da Terra Negra*, com estudo introdutório de Roger Bastide, Lisboa, Gleba, 1960. “Portrait: Jinga, reine de Ngola et Matamba”, *Présence Africaine*, nº 42, Paris, 1962. *A Chaga*, Rio de

Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1970 (edição póstuma).

De acordo com a mesma bibliografia estabelecida por Fernando Mourão, após o regresso de Paris ao Brasil, em Dezembro de 1965 parte para São Paulo. Na Faculdade de Filosofia, onde regeu “Introdução à Sociologia da África Negra” de 1966 a 1968, Castro Soromenho elaborou os seguintes trabalhos académicos: *Introdução ao estudos histórico-sociológico sobre a fundação da Colónia de Angola*, Centro de Estudos Africanos, USP, 1966.

Lunda, da formação do império às fronteiras coloniais, C.E.A., U.S.P., 1967. *Estudo sobre a rebelião na Lunda nos anos 20* (a partir de um relatório inédito do pai) ●

* Doutorado em Cultura Portuguesa. Investigador do Centro de Estudos de História Comparada (U. L.)

Résumé

Les traits les plus saillants de la vie de Castro Soromenho, écrivain d'origine mozambicaine qui se sentait avant tout inspiré par la société angolaise au sein de laquelle il avait obtenu un de ses premiers emplois, sont retracés avec beaucoup d'émotion et une riche documentation par l'auteur. Celui-ci, grand admirateur de son œuvre romanesque, lui avait très tôt annoncé son intention d'adapter au cinéma son roman *Viragem* (1957), mais lorsqu'il s'est senti capable de l'entreprendre, des obstacles matériels et bureaucratiques se sont interposés.